A EXPRESSÃO DO ABSURDO EXISTENCIAL. DO CONTO “A VIAGEM”, DE YUSUF IDRIS

Beatriz Negreiros Gemignani*

RESUMO: Escritor consagrado da literatura egípcia moderna, Yūsuf Idrīs retrata tanto a realidade de seu tempo em produções de cunho social quanto um mundo absurdo em autorreflexão e busca existencial. Este último caracteriza o seu conto “A viagem” aqui apresentado, cuja tradução pretende refletir os absurdos do original em assunto, ritmo e estilo narrativo. Logo, a tradução do conto manteve construções árabes pouco comuns, como o uso de ordem sintática invertida (com o verbo no final da sentença), a repetição de palavras e expressões, o uso recorrente da reticência e a preferência de orações coordenadas a subordinadas. Outro aspecto complexo da tradução são os coloquialismos egípcios, usados pelo narrador para se dirigir a diferentes personagens de forma depreciativa e satírica, e que buscou-se traduzir por coloquialismos de sentidos e usos semelhantes em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução de contos, Literatura árabe, Yūsuf Idrīs, Mundo absurdo

ABSTRACT: A well-known writer of modern Egyptian literature, Yūsuf Idrīs portrays both the reality of his time in social productions and an absurd world of self-reflection and existential pursuit. The latter characterizes his short story “The Journey” presented here, translated with the intention of reflecting the absurdities of the original in its theme, rhythm and narrative style. Thus, the translation of the short story retained unusual Arabic constructions, such as the use of inverted syntactic order (with the verb at the end of the sentence), the repetition of words and expressions, the recurrent use of reticence, and the preference for coordinated over subordinate clauses. Another complex aspect of the translation is the Egyptian colloquialisms, used by the narrator to address different characters in a derogatory and satirical manner, and which were translated, as much as possible, by colloquialisms of similar meanings and uses in Portuguese.

KEYWORDS: short stories translation, Arabic literature, Yūsuf Idrīs, absurd world

Nascido em Albayrūm, Egito, em 1927, e falecido em Londres, em 1991, Yūsuf Idrīs é um dos escritores mais notáveis da literatura egípcia moderna, com ampla produção literária, sendo mais conhecido por seus contos e peças teatrais (KILPATRICK, p. 252). Foi colunista do jornal de maior circulação do Egito, Alahrām. Formou-se em Medicina pela Universidade do Cairo, período em que participou ativamente de movimentos estudantis contra a ocupação britânica. Especializou-se em Psiquiatria, tendo atuado na década de 1950 como médico no hospital do governo Qaṣr Al’aynī, no Cairo. Nesse período publicou seus primeiros livros¹, cujo sucesso o levaria a se dedicar, a partir da década seguinte, à carreira de escritor.

* Mestre em Estudos Judaicos e Árabes (USP). Bolsista Capes Demanda Social. Membro do grupo “*Tarjama*: escola de tradutores de literatura árabe moderna”.

¹ Sua primeira publicação foi a coletânea de contos intitulada *’Arḥaṣ layālī* “As noites mais baratas”, publicada em 1954 pela Dār Rūz Alyūsif.

Embora em seus primeiros contos buscasse retratar seu país de forma realista e com fundo social, desenvolvendo seu estilo literário em torno da temática existencialista, a partir da metade dos anos 1960 e com o declínio da corrente literária Realismo (BARRESI, p. 290) a escrita de seus contos passa a ser de caráter mais autorreflexivo, individualizado e esotérico (SOMEKH: 92-93). Destarte, sua produção posterior é caracterizada por situações narrativas suspensas entre ilusão e realidade, na medida em que um mundo absurdo gradativamente substitui o antigo mundo lógico, e aspectos existenciais da vida substituem aspectos sociais. Conforme explica Barresi (1977, p. 291), não se trata de encontrar novos objetos de inspiração, mas de olhar certos aspectos da vida por meio de diversos ângulos, estendendo tal olhar a um limite mais longe, profundo e completo; a existência humana é vista como problema existencial e, portanto, mais individualizada e interiorizada.

O conto “A viagem” que traduzo a partir de Idrīs (1990),² foi escrito em junho de 1970 e publicado no ano seguinte pela ‘Ālam Alkutub, na décima coleção de contos de Yūsuf Idrīs intitulada *Bayt min laḥm* “Casa de carne”. Nota-se a ironia estrutural e cósmica nesse conto de Idrīs, característica central de sua obra (HAFEZ, p. 310). Seu estilo é vigoroso, sagaz e simples (SOMEKH, p. 89), com elementos dialetais egípcios que enriquecem a narrativa, desde o vocabulário até a estrutura sintática. O conto foi escrito em forma de monólogo interno, utilizando a técnica de fluxo de consciência, de modo que o diálogo do narrador com outros personagens se funde à narração. Seu estilo é composto por estruturas curtas e pela preferência de orações coordenadas, uma gramaticalmente independente da seguinte.

De um modo geral, a tradução procurou manter o tom do texto original e o estilo do autor, reproduzindo, na medida do possível, os efeitos linguísticos e literários da língua árabe usados pelo autor, mesmo que não sejam muito comuns em língua portuguesa. Nesse sentido, foram mantidos a frequente repetição de palavras e expressões no mesmo parágrafo, o uso recorrente de reticências e a sucessão de orações coordenadas em certos parágrafos, em detrimento de subordinadas. Apesar de tais características serem mais comuns em língua árabe do que em língua portuguesa, optou-se por uma tradução mais próxima ao original, que expressa, por exemplo, os efeitos de ênfase conforme ditados pela língua árabe. Além disso, a predominância de orações coordenadas neste conto reflete os próprios pensamentos do narrador, que utiliza discurso indireto livre em seus constantes diálogos.

Quanto às dificuldades encontradas na tradução, destacam-se o uso de repetições, conforme mencionado, a ordem sintática incomum adotada enquanto estilo, a concisão de certos verbos árabes que possuem sentidos complexos e os coloquialismos egípcios. Como exemplo da repetição, recurso de ênfase no conto, observe-se o trecho a seguir, que trouxe dificuldade à tradução:

² Agradeço à líder e membros do grupo *Tarjama* pelas sugestões que muito enriqueceram esta tradução.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

هكذا رأيتك مئات المرات تفعل، وهكذا أحببت كل ما تفعل. كل ما أصبح لك عادة، حتى كل ما يصدره كنزوة.

Assim eu o vi centenas de vezes fazer, e assim gostava de **tudo que** fazia. De **tudo que** virou costume para você, até mesmo de **todas as suas manias**.

Optou-se por quebrar a repetição da expressão “tudo que” seguida de um verbo, para tornar mais legível em português a última expressão, *kulli mā yaşduruhu ka-nazwatin*, literalmente “tudo o que aparece como capricho/impulso”, traduzida por “todas as suas manias”.

Ademais, no início desse trecho o escritor adota uma ordem sintática pouco usual em árabe, mesmo dialetal, na qual o verbo termina a sentença. Buscou-se manter na tradução a estranheza de tal uso: “Assim eu o vi centenas de vezes **fazer**”. Conforme Somekh (1975: 97), há uma função definida no uso de tal estrutura, que seria para amplificar o sentimento de um mundo absurdo, de uma lógica invertida. Igualmente, tal ordem sintática foi mantida na tradução de outros trechos, como nos exemplos a seguir:

باب المصعد يغلق.. من أسفل يسحب. لابد أن أحداً في القاع ينتظر.

A porta do elevador **se fecha**. Lá de baixo **chamam**. Sem dúvida alguém no térreo **espera**.

عامداً في الطريق تركتك..

De propósito, no caminho eu o **deixei**.

[...] وعلى قدمي أسير

[...] e com meus próprios pés **ando**.

Contudo, no mesmo parágrafo deste último exemplo, retirado do final do conto, repete-se a ideia de andar com os próprios pés precedida por “feliz por”. Neste caso, optou-se por utilizar a ordem sintática mais comum em português, com o intuito de evitar a construção “Feliz até mesmo por com meus pés andar”, cuja leitura é pouco fluida. O resultado é a seguinte tradução:

سعيد أنني حتى على أقدامي أسير

Feliz até mesmo por **andar** com meus pés.

Outro trecho que trouxe complexidade à tradução foi a seguinte descrição do congestionamento:

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

الإشارة أغلقت، النور أحمر، الحمرة طالت، امتدت، أصبحت زمناً. الزمن يحمر ويتوهج، الزمن يحترق، أشم رائحته.. رائحة جلد آدمي يحترق.. جلدي أنا. الأصفر يومض، الحريق يلتهم. الأخضر، السهم المنطلق الأخضر، النور المخضر يمتد يصبح مساحات.. زرعاً ونباتاً وأشجاراً. النور يحيا، يتجسد، يزهر. الأصفر، اللا أحمر، الأصفر قمح، القمح يتماوج، الموج يعلو، قمم الأشجار تتمايل، رأسك أيضاً يتمايل.

O semáforo fechou, a luz está vermelha. O vermelho se estendeu, **durou longamente**, tornou-se **tempo**. O **tempo** se avermelha e incandesce, incendia-se, sinto o cheiro... Cheiro de pele humana queimando... A minha pele. O amarelo brilha, o fogo abranda. O verde, a seta verde absoluta, a luz esverdeada se estende, vira extensas superfícies... Vegetação, plantas e árvores. A luz vive, incorpora-se, floresce. O amarelo, o não vermelho, o amarelo é trigo, o trigo **se agita em ondas**, as ondas sobem, a copa das árvores balança, a sua cabeça também balança.

No início desse trecho, optou-se por omitir a segunda repetição de “o tempo” enquanto sujeito de “incendia-se”, para trazer uma leitura mais direta em português. Além disso, foi necessário traduzir alguns verbos árabes desse trecho por uma paráfrase, na medida em que não se encontrou uma equivalência que permitisse manter a brevidade da expressão em uma só palavra. Nesse sentido, *yatamāwaju* e *imtaddat* foram traduzidos, respectivamente, por “se agita em ondas” e “durou longamente”.

Analogamente, no trecho a seguir a tradução ao português foi mais extensa devido à concisão do sentido dos verbos árabes:

أحسب أنك تهورت الآن مثلي أو أنا تعقلت مثلك

Parece que agora você **se tornou irresponsável** como eu, ou eu que **me tornei ajuizado** como você.

Caberia observar que ambos os verbos árabes deste trecho, *tahawwarta* e *ta'aqqaltu*, são verbos derivados que possuem a mesma forma (caracterizada pelo prefixo “ta” e pela geminação da segunda letra da raiz). Tal forma verbal indica em geral verbos intransitivos e reflexivos, que podem ter um sentido intensivo.

Por fim, deve-se ressaltar a dificuldade que o uso de coloquialismos egípcios no conto original traz à tradução, principalmente nas expressões usadas pelo narrador ao se dirigir às pessoas. O uso de coloquialismos reflete o estilo de Yūsuf Idrīs, que permeia suas narrativas em árabe padrão com elementos dialetais. Buscou-se traduzir tais expressões por coloquialismos de sentidos e usos semelhantes em língua portuguesa, conforme elencado na tabela a seguir. Note-se que o modo como o narrador se dirige às

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

diferentes personagens do conto é muitas vezes abertamente depreciativo e satírico, reflexo dos pensamentos do narrador em discurso indireto livre.

Tabela com exemplos de coloquialismos egípcios e suas traduções.

<i>Expressão do conto original árabe</i>	<i>Tradução ao português</i>
يا عم عبد الله	seu Abdullah
يا سيدة، يا عانس	Ei senhora, sua encalhada
يا سيدي العسكري	seu guarda
يا سيدي يا ذي الأنف الطويل	seu narigudo
يا فتى	Jovem
يا وغد	seu desgraçado
أيها العزيز الغالي	meu querido

Apesar de a proposta de tradução do conto **A viagem** ser a de aproximar o texto em português do texto original árabe, em certos trechos que trouxeram maior dificuldade, conforme apresentado, optou-se por uma tradução que propiciasse uma leitura mais fluida em português. Nesse sentido, o efeito das constantes repetições de palavras e expressões no original árabe foi, por vezes, omitido na tradução, assim como o efeito da ordem sintática invertida em certas ocorrências. Além disso, a concisão de determinados verbos árabes não foi mantida na tradução, em favor de exprimir o sentido original em uma tradução mais explicativa. Contudo, de um modo geral, o texto em português segue o ritmo do texto original árabe, assim como reflete o estilo narrativo de Yūsuf Idrīs. Quanto à tradução dos coloquialismos egípcios, que revelam a ironia do autor, buscou-se manter o sentido original em coloquialismos equivalentes em português.

A viagem

Você e eu, e depois de nós o dilúvio. Não tema! Logo iremos partir, e para bem longe. Para onde ninguém poderá prejudicá-lo ou me prejudicar. Para onde seremos completamente livres, viveremos com nossa força e vontade absolutas e sem medo. Não tema! Já tomei todas as precauções. Não tema! Tudo vai ficar muito bem. Eu sei que você prefere o azul-marinho. Então aqui está a calça. A jaqueta. E claro, a gravata avermelhada, pois conheço o seu jeito. Você não é muito elegante, verdade, mas sempre se veste como se deve, como é adequado. Vou ajudá-lo a arrumar o cabelo. Você não sabe como adoro o seu cabelo. Fino, disperso como se tivesse sido feito especialmente para cobrir a sua careca, mas é todo branco, fácil de pentear. Vou penteá-lo com minha mão. Depois, com a escova mesmo, acerto o bigode. Até desse tipo de bigode eu gosto. Assim eu o vi centenas de vezes fazer, e assim gostava de tudo que fazia. De tudo que

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

virou costume para você, até mesmo de todas as suas manias. Você sabia que estou feliz, uma felicidade sem limites? Felicidade de quem está na iminência de fazer algo que ninguém além de nós saberá. Você não está doente desta vez para eu o acompanhar, como de costume, ao médico, nem estamos indo visitar parentes chatos. Pois então que isto permaneça um segredo entre nós dois.

A porta do elevador se fecha. Lá de baixo chamam. Sem dúvida alguém no térreo espera. Não se preocupe, descanse o corpo. Apoie-se em mim e não se preocupe. Quantas vezes me apoiei em você, quantas vezes você me carregou quando eu, acordado, fingia dormir, só para que me carregasse, para que eu me sentisse estabelecido em seus ombros, envolto pelos seus braços que me faziam sentir seguro. A mais doce, agradável e prazerosa segurança. Apoie-se e não tema, que olhem para nós apreensivos os que entram no elevador, que desconfiem de mim ou de você, pois esta é a primeira e a última vez que os vemos. Já com o porteiro, vai ser fácil de lidar, com uns trocados na mão, seu Abdullah, abra o carro. Lá vem ele correndo e se adiantando. Aqui está ele me ajudando a colocá-lo no banco. Agora descanse e sente-se. Cruze as pernas, como sempre gosta de fazer. Lamento que meu pequeno carro seja apertado para as suas pernas tão compridas. Como gosto sempre de sorrir para você e escutar! O câmbio, a embreagem e a primeira... O carro parte. A segunda... Deixamos a rua. A terceira... Contornamos a praça. Só nós dois, você e eu, e o carro segue reto e parte. Conseguimos! Com muita sorte conseguimos! Eis enfim o carro conosco, só nós dois, partindo.

Você sabe que esta não é a primeira vez que o faço sentar no meu carro e eu dirijo, não é a primeira vez que estamos a sós juntos nele. Mas o que você não sabe é que desta vez eu sinto de verdade, pela primeira vez, que talvez eu esteja com você. Com você e pertencendo a você com todo o meu ser, e você está comigo e pertencendo a mim com todo o seu ser. Agora ninguém o divide comigo ou me divide com você. Você é completamente meu assim como eu sou completamente seu. E o melhor é que nós – imagine – permaneceremos assim para sempre.

As ruas estão congestionadas. As pessoas são um oceano e o carro é nossa ilha. Seus olhos se erguem como dinossauros atemorizantes que invadem a ilha e a inundam, que nos afogam e nos devoram. Ei senhora, sua encalhada, olha pra frente. Nunca viu um jovem dirigindo acompanhado de um homem vestido de terno azul-marinho e gravata avermelhada? Isso lá é estranho? É de se notar?

Que pena, o semáforo fechou, a luz está vermelha. O vermelho se estendeu, durou longamente, tornou-se tempo. O tempo se avermelha e incandesce, incendia-se, sinto o cheiro... Cheiro de pele humana queimando... A minha pele. O amarelo brilha, o fogo abrandando. O verde, a seta verde absoluta, a luz esverdeada se estende, vira extensas superfícies... Vegetação, plantas e árvores. A luz vive, incorpora-se, floresce. O amarelo, o não vermelho, o amarelo é trigo, o trigo se agita em ondas, as ondas sobem, a copa das árvores balança, a sua cabeça também balança. Está de acordo, então? Fico feliz. Parece que agora você se tornou irresponsável como eu, ou eu que me tornei ajuizado como você. Você rejuvenesceu ou eu envelheci, sei lá; o que sei é que tudo o que eu quis em você e que você quis que eu fosse, é onde estamos agora. Tudo o que eu odiava não

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

odeio mais. Tudo o que você não apreciava em mim virou por milagre o que aprecia. Você quer que eu seja você, e eu quero que você seja eu. Somos parecidos e cá estamos a voar; com o carro e com você eu voo, roçando o chão eu voo, serpenteando com alegria enquanto dirijo. Você não sabe dirigir, é da geração do trem... o trem que não dá opção, a única escolha é sujeitar-se a ele. Sou da geração do carro, a liberdade é o carro, a opinião é o carro; sozinho, você delimita quando e onde, sozinho julga, avança, contorna, vira. O fim está em suas mãos quando quiser.

– Pare...

Precisamos parar? Há um posto de polícia aqui no caminho para sair da cidade. Sim, senhor, as identidades. Esta é a minha identidade, e esta, a minha habilitação. Quem é esse? Onde está a identidade dele? Eu sou a identidade dele. Você não vê que o meu nariz vem do nariz dele? Que minhas sobrelanceias têm o mesmo formato das sobrelanceias dele? Que até mesmo meu suor tem o sabor do suor dele? Obrigado, seu guarda, obrigado! Que bonito o seu bigode, meu Deus, como é bonito.

Vamos partir! Eu me tornei a sua identidade. Eu o amo sendo seu responsável, do mesmo jeito que o amo quando você está indo dormir, quando está para acordar. Eu o amo quando, ao voltar do trabalho, cansado, tiramos os seus sapatos e meias e perfumamos os nossos pequenos narizes com o odor dos seus pés. Separamos uns dos outros os seus dedos colados, do cansaço e de ficar de pé, e eu me encarrego de distribuí-los aos meus irmãos, guardando o dedão para mim.

Contudo, mais doce que a memória é o presente, e mais doce que o presente é sermos como a flecha que parte. Claro que você não quer saber para onde, o seu maior prazer é igual ao meu, o de ser surpreendido. De fato, você não sabe... Saber é uma algema. Claro que na sua opinião saber é uma algema; saber é chegar, e você e eu não queremos chegar. Eu em particular quero continuamente começar, até meu fim eu o quero começo, pois não gosto do fim... O fim é banal e de horizontes estreitos. Como é maravilhoso começarmos sempre, começarmos a começar, e que o começo seja começo para um começo mais novo e prazeroso.

Outro policial se aproxima. Bloqueio. Eu nada temo enquanto você estiver comigo. Você é o único no mundo que eu temia. Você lá em casa estava sempre me atando, firmando-me onde quer que eu fosse, eu me virava e voltava e era como se tivesse raízes em casa. Agora as minhas raízes estão comigo. Sou a planta que se libertou e partiu. O policial sinaliza com a mão, como se fosse uma bandeira quadriculada. Não me incomodava antes com policiais como me incomodo agora. Por que eles são tantos? Por que sempre interrompem o caminho? Como é? Número, habilitação e identidade. Como? Por que está enfiando o nariz no veículo e cheirando? Mas se atreve a perguntar? Por que, senhor, eu não estou sentido um cheiro? Não há cheiro nenhum aqui. Onde está esse cheiro?

Adeus, seu narigudo, adeus.

Claro que ele não entende... Como ele chama o seu cheiro de cheiro... Ele não o conhece, não percebe como o cheiro lhe pertence da forma como eu percebo e sinto.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Nossa semelhança é tanta, meu querido, a ponto de o seu próprio cheiro ter se tornado o meu cheiro.

Agora preciso de um cigarro. Você não percebe que, sem discutirmos, pela primeira vez você concorda que eu fume na sua frente? Por que discutíamos? Por que você teimava e me atormentava para desistir da minha opinião e aceitar a sua? Por que eu sempre me rebelava? Por que o odiava às vezes? Por que desejei em certos momentos que você morresse para eu me libertar? Não é possível que eu seja a mesma pessoa agora que percebe ser completamente livre junto de você, ao seu lado, concordando com tudo.

Complete o tanque de gasolina até o fim, jovem. Coloque óleo também e cheque os pneus. Sim, estamos viajando... Viagem longa, ah se você soubesse o quanto é longa! Aqui está o dinheiro... Pegue. Cheiro? O cheiro da gasolina eu imagino? Que está dizendo? Morto? Morra você! Saia da frente, seu desgraçado, e que Deus não me faça mais ver o seu rosto.

Imagine: o desgraçado acha que temos um morto conosco, enquanto só você está aqui comigo. Será isso uma conspiração entre o policial e o frentista do posto, uma conspiração de cem quilômetros de distância?

Nós enganamos a todos, não é mesmo? Como é bonito às vezes os outros serem enganados por nossas palavras!

Esta cidade perdeu o juízo. Aonde quer que vamos as pessoas abrem a boca atrás de nós, espantadas, e erguem os olhos ao máximo fitando. Antes de chegarmos, os seus narizes inalam o ar ao longe, farejando. Depois que os deixamos apressam-se atrás de nós gritando: "Cadáver!" Imagine! Querem a você, vivo, um cadáver para enterrar. Impossível, eles terão que me matar antes de pegá-lo, pois nisso estará a minha morte, você sumir será o meu fim, e eu odeio o fim como você sabe. Eu o odeio, odeio.

A cidade seguinte, seus moradores a deixaram antes de chegarmos, sem dúvida o cheiro, como alegam, chegou-lhes antes de nós. Bonito, que bonito. Basta que você esteja comigo para que o mundo todo esteja comigo, isso basta e que partam das cidades seus habitantes, que queimem os vilarejos e povoados, basta que você esteja comigo. Você sou eu. Você é a minha história e eu sou somente o seu presente. E o futuro todo é nosso. Impossível eu deixar que o peguem, que lhe causem a morte, que o matem.

Algo parece estar errado, pois na verdade comecei a sentir o cheiro. Não, não é o cheiro de seus sapatos e meias, pois já os tirei e joguei pela janela. É mais forte que o

cheiro da primavera, das flores e da tarde de verão. Mais forte que você e que eu, talvez mais forte que qualquer ser vivo.

Desculpe-me! Mas não posso mais... O cheiro penetra nas minhas narinas, serpenteando conforme a curva do meu nariz e da minha cabeça, e sufoca a minha respiração. O mais assustador é que ele vem de você, meu querido. As pessoas à nossa volta fogem, todos os seres vivos, até mesmo as moscas, fogem de nós. Eu mesmo não posso mais.

Não há como fugir – mesmo que eu o odeie e você o odeie – do fim. Tenho que optar por ele. Verdade que não tenho coração, nem razão, nem vontade, porém o cheiro é mais repugnante que a morte. Eu morro, mas não o sinto. E, se o sentir, morrerei. Minha respiração está sufocada, meu espírito chegou à garganta. Não há mais escapatória, ou a minha vida ou a sua morte. Não há mais escapatória, é necessário que você pereça para que eu comece.

Eu deixei você. De propósito, no caminho eu o deixei. No próprio carro eu o deixei e deixei o carro para que lhe servisse de túmulo e sepultura. Agora eu a completo sozinho, e com meus próprios pés ando, profundamente triste pela separação. Mas – e isso é o que dói – feliz por me livrar de você, feliz por deixá-lo e deixar-lhe o carro. Feliz até mesmo por andar com meus pés, e respirar o ar, ar puro, completamente livre daquele cheiro tão amaldiçoado... o seu cheiro.

الرحلة

أنت وأنا ومن بعدنا طوفان. لا تخف! سنرحل حالاً، سنرحل إلى بعيد بعيد. إلى حيث لا ينالك أو ينالني أحد. إلى حيث نكون أحراراً تماماً نحيا بمطلق قوتنا وارادتنا وبلا خوف. لا تخف! لقد اتخذنا الاحتياطات كلها. لا تخف! كل شيء سيتم على ما يرام، أعرف أنك تفضل اللون الكحلي. ها هو البنطلون إذن. ها هي السترة. بالتأكيد ربطة العنق المحمرة فأنا أعرف طبعك.. لست بالغ الأناقة نعم ولكنك ترتدي دائماً ما يجب، ما يليق. سأساعدك في تصفيف شعرك. أنت لا تعرف أنني أحب شعرك. خفيف هو متناثر وكأنما صنع خصيصاً ليخفي صلعتك ولكنه أبيض كله سهل التمشيط. بيدي سأمشطه. بعدها وبالفرشاة نفسها أسوي شاربك. حتى هذا النوع من الشوارب أحبه. هكذا رأيتك مئات المرات تفعل، وهكذا أحببت كل ما تفعل. كل ما أصبح لك عادة، حتى كل ما يصدره كنزوة. أتعرف أنني فرحان فرحة لا حد لها. فرحة الإقدام على أمر لن يعرفه سوانا. لست مريضاً هذه المرة وأستصحبك كالعادة إلى طبيب، ولسنا في طريقنا لزيارة أقارب مملين. فليظل الأمر إذن سراً بيني وبينك.

باب المصعد يغلق.. من أسفل يسحب. لا بد أن أحداً في القاع ينتظر. لا يهكم أرح جسدك.. اتكئ علي ولا يهكم. ما أكثر ما اتكأت عليك أنا، ما أكثر ما حملتني وأنا صاح ومدعي النوم، فقط كي تحملني، كي أحس أنني على كتفك أنت أستقر وأن ذراعك هي التي تحوطني وأني أشعر بالأمان.. أحلى وأعذب وأمتع أمان. اتكئ ولا تخف، ولينظر لنا الداخلون إلى المصعد بريبة، وليظنوا بي أو بك الظنون. إنها أول مرة نراهم فيها وآخر مرة. البواب سهل أمره، بيدي وبالنصف ريال يا عم عبد الله افتح العربة. ها هو يجري ويسبقنا. ها هو يساعدني في اراحتك على المقعد. الآن استرح واجلس. ضع ساقاً على ساق كما يريحك دائماً أن تفعل. أشكو من ضيق عربتي الصغيرة ومن طول ساقيك، فلكم أحب دائماً أن أبتسم لك وأسمع. المارش والفيتس والأول.. العربة تنطلق. الثاني.. غادرنا الشارع. الثالث.. نلف حول الميدان. وحدنا أنت وأنا والعربة تستقيم وتنطلق. لقد نجحنا! بضربة حظ جبارة نجحنا! والعربة ها هي بنا أخيراً، ووحدها، تنطلق.

criação & crítica especial

تعرف أنها ليست المرة الأولى التي أجلسك في عربتي، وأسوق أنا، ليست الأولى التي ننفردها فيها معاً، ولكنك لا تعرف أنني هذه المرة أحس بحق أنني لأول مرة ربما أكون معك.. بكل كياني معك، ولك، بكل كياني لي ومعني. الآن لا شريك لك في ولا شريك لي فيك. أنت لي تماماً كما أنا لك. والأجمل أننا - تصور - سنظل هكذا إلى الأبد.

الشوارع مزدحمة، الناس محيط، العربية جزيرتنا، العيون تنصب كزواحف ديناصورية رهيبية تقتحم الجزيرة، تملؤها، تغرقنا، تلتهمنا. يا سيدة، يا عانس، انظري أمامك. ألم تري أبدأ شاباً يسوق بجواره رجل يرتدي بدلة كحلية ورباط عنق محمر. أعجوبة هي. أظاهرة؟

يا خسارة! الإشارة أغلقت، النور أحمر، الحمرة طالت، امتدت، أصبحت زمناً. الزمن يحمر ويتوهج، الزمن يحترق، اشم رائحته.. رائحة جلد آدمي يحترق.. جلدي أنا. الأصفر يومض، الحريق يلتئم. الأخضر، السهم المنطلق الأخضر، النور المخضر يمتد يصبح مساحات.. زرعاً ونباتاً وأشجاراً. النور يحيا، يتجسد، يزهر. الأصفر، اللا أحمر، الأصفر قمح، القمح يتموج، الموج يعلو، قمم الأشجار تتمايل، رأسك أيضاً يتمايل. أنت موافق إذن؟ أنا سعيد. أحسب أنك تهورت الآن مثلي أو أنا تعقلت مثلك. صغرت أنت أم كبرت أنا لا أعرف، ما أعرفه أن كل ما أردته فيك وأردت أن أكونه، هاأنذا الآن فيه. كل ما كرهته لم أعد أكرهه. ما كان يعجبك فيّ قد أصبح بمعجزة يعجبك، تريد أن أكون أنت، وأريد أن تكون أنا، تطابقنا وها نحن نطير، وبالعربية وبك أطيّر، الأمس الأرض وأطيّر، أتلوى جذلاً وأسوق. أنت لا تعرف كيف تسوق، أنت من جيل القطار.. القطار الذي لا خيال فيه، لا تختار إلا عبوديتك، أنا من جيل العربية، الحرية عربية، الرأي عربية، وحدك تحدد متى وأين، وحدك تعدل، تمضي، تلف، تدور، النهاية في يدك لحظة تريد.

- قف..

لا بد أن نقف؟ نحن في طريقنا إلى خارج المدينة، وهنا تفتيش. نعم يا سيدي، البطاقات. هذه بطاقتي، وهذه رخصة قيادتي. من هذا؟ أين بطاقتي؟ أنا بطاقتي. ألا ترى أنني من أنفه؟ حواجبي لها استدارة حواجه؟ عرقي حتى له طعم عرقه؟ شكراً يا سيدي العسكري، شكراً! جميل شاربك والله العظيم جميل.

لننطلق! وقد أصبحت بطاقتك. أحبك وأنا مسئول عنك، نفس حبي لك وأنت في طريقك إلى النوم، وأنت في طريقك إلى اليقظة، أحبك عائداً من العمل، متعباً، نخلع عنك الحذاء والجروب، ونضمخ أنوفنا الصغيرة برائحة أقدامك، ونفصل أصابعك الملتصقة تعباً ووقوفاً عن بعضها البعض، أتولى أنا توزيعها على اخوتي وأختص نفسي بالأصبع الأكبر.

ولكن ألد من الذكرى الحاضر، وألد من الحاضر أننا كالسهم ننطلق. طبعاً أنت لا تريد أن تعرف إلى أين، متعتك الكبرى مثل متعتي أن تفاجأ. انك لا تعرف.. المعرفة قيد، طبعاً في رأيك المعرفة قيد، المعرفة وصول، وأنت وأنا نريد أن نصل. أنا شخصياً باستمرار أريد أن أبدأ، حتى نهايتي أريدها بداية، فانا لا أحب النهاية.. النهاية سخف وضيق أفق. ما أروع أن نبدأ دائماً، وأن نبدأ بأن نبدأ، وأن تكون البداية بداية لبداية أجد وأمتع.

رجل بوليس آخر يقترب. كشك. أنا لا أخاف شيئاً ما دمت معي. أنت الوحيد في الدنيا الذي كنت أخافه.. كنت دائماً هناك في بيتنا تربطني، تشدني أتى أذهب، ألف وأعود وكأن لي في بيتنا جذر.. الآن جذري معي. أنا النبات الذي تحرر وانطلق. رجل البوليس يشير بيده كالسيمافور الأبيض والأسود تشير. لم أضق قبلاً برجال البوليس مثل أن أضيق بهم الآن لماذا هم كثيرون؟ لماذا دائماً يقطعون الطريق؟ أفندم! الرقم والرخصة والبطاقة. أفندم! لماذا تمد أنفك في العربية وتنشم؟ وتبلغ بك الجرأة أن تسأل؟ لماذا يا سيدي لا أشم رائحة، لا رائحة هناك. أين هي الرائحة؟

وداعاً يا سيدي يا ذي الأنف الطويل وداعاً.

بالطبع هو لا يفهم.. كيف يسمي رائحتك رائحة.. هو لا يعرفها، لا يدرك انتماءها اليه مثلما أدرك وأحس أنا. تطابقنا تماماً أيها العزيز حتى أصبحت رائحتك نفسها هي رائحتي.

الآن أنا في حاجة إلى سيجارة. ألا تلاحظ أننا لا نختلف وأنت لأول مرة توافق أن أدخن أمامك؟ لماذا كنت تصر وتلح أن أنتازل عن رأيي وأقبل رأيك؟ لماذا كنت دائماً أتمرد؟ لماذا كرهتك في أحيان؟ لماذا تمنيت في لحظات أن تموت لأتحرر؟ مستحيل أن أكون نفس شخصي الآن الذي يدرك أنه حر الحرية الكاملة بوجودك معه، إلى جواره، موافقاً على كل ما يفعل.

املاً يا فتى خزان البنزين إلى آخره، وضع زيتاً أيضاً وافحص الاطارات. أجل، نحن على سفر.. سفر طويل لو علمت كم طويل. هذه هي النقود.. خذ. رائحة؟ رائحة البنزين على ما أعتقد؟ ماذا تقول؟ ميت؟ فلنمت أنت! اخل الطريق يا وغد، ولا أراني الله وجهك.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

تصور: السافل يظن أن معنا ميتاً في حين ليس معي سواك، أمؤامرة هي بين رجل البوليس وعامل البنزين، مؤامرة طولها مائة كيلومتر؟

لقد خدعناهم جميعاً.. أليس كذلك؟ ما أجمل أحياناً أن ينخدع بكلامنا الآخرون! هذه المدينة فقدت العقل. أتى نذهب يفتح الناس أفواههم خلفنا دهشة، ويمدون عيونهم إلى آخر المدى يبصرون. قيل أن نصلهم أنوفهم تستنشق الهواء البعيد وتنشم. بعد أن نغادرهم يسرعون خلفنا يصرخون.. الجنة! تصور! يريدونك أنت الحي جثة يدفونها. مستحيل، يقتلونني قبل أن يأخذوك، ففي أخذك موتي، في إختفائك نهايتي، وأنا أكره النهاية كما تعلم.. أكرهها أكرهها.

المدينة التالية هجرها سكانها قبل أن نصل، لابد أن الرائحة كما يزعمون وصلتهم قبل أن نصل. جميل هذا جميل. يكفي أن تكون معي ليكون العالم كله معي، يكفي هذا وليهجر المدن سكانها، ولتحترق القرى والنجوع، يكفي أنك معي. أنت أنا.. أنت تاريخي وأنا مجرد حاضرك.. والمستقبل كله لنا. مستحيل أن أدعهم يأخذونك، يميئونك، يقتلونك.

يبدو أن هناك خطأ ما، فأنا في الحقيقة بدأت أشم الرائحة. لا، ليست رائحة حذائك وجورك فلقد خلعتهم وألقيت بهما من النافذة. إنها أقوى من رائحة الربيع والزهر ومساء الصيف. أقوى منك، ومني، ربما أقوى من أي كائن حي. عفوك! ولكني لم أعد أستطيع.. الرائحة تخترق خياشيمي، وتتلوى مع تلافيف أنفي وعقلي وتكتم أنفاسي. المرعب أنك أيها العزيز الغالي مصدرها. الناس من حولنا يهربون، كل الكائنات الحية، حتى الذباب، تهرب، من حولنا تهرب. أنا نفسي لم أعد أستطيع.

لابد - حتى لو كنت أكرهها وتكرهها أنت - من النهاية. ولابد من أن أختارها أنا. صحيح لا قلب لي، لا عقل، لا ارادة، ولكن الرائحة أبشع من الموت. أموت ولا أشمها. إذا شممتها أموت، أنفاسي تختنق، الروح بلغت الحلقوم. لم يعد هناك مناص، إما حياتي أو موتك. لم يعد هناك مناص، لابد أن تنتهي أنت لأبدأ أنا.

ولقد تركتك.. عامداً في الطريق تركتك.. في العربة نفسها تركتك وتركتها لك قبراً ولحداً. وهأنذا أكملها وحدي، وعلى قدمي أسير، حزين للفراق تماماً. ولكن، وهذا هو المؤلم سعيد بالخلاص منك، سعيد أنني تركتك وتركت العربة لك. سعيد أنني حتى على أقدامي أسير، وأستنشق الهواء، الهواء النقي الذي ليس فيه أبداً تلك الرائحة الملعونة الغالية.. رائحتك.

Referências bibliográficas

- BARRESI, C.F. "Lo scrittore egizino Yūsuf Idrīs". *Oriente Moderno*, Anno 57, n. 7/8, p. 287-294, jul. 1977.
- HAFEZ, S. "The modern Arabic short story". In: BADAWI, Mohammed Mustafa (ed.) *Modern Arabic Literature*. Nova York: Cambridge University Press, p. 270-328, 1992.
- IDRĪS, Y. "Arriḥla". In: *Al'a'māl al kāmila 1/(Contos)*. Cairo: Dar Aššuruq, 1990.
- KILPATRICK, H. "The Egyptian novel from *Zaynab* to 1980". In: BADAWI, Mohammed Mustafa (ed.) *Modern Arabic Literature*. Nova York: Cambridge University Press, p. 223-269, 1992.
- SOMEKH, S. "Language and theme in the short stories of Yūsuf Idrīs". *Journal of Arabic Literature*, v. 6, p. 89-100, 1975.

CRIAÇÃO & CRÍTICA
ESPECIAL

Recebido em: 09/09/2019

Aceito em: 31/10/2019

Referência eletrônica: GEMIGNANI, Beatriz Negreiros. A expressão do absurdo existencial. Do conto “A Viagem”, de Yusuf Idris. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa